



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE CIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

FRANCISCO ARLEY PINTO MOTA

***CINEGEOGRAFIA: USO DIDÁTICO DE CENAS DE FILMES NAS AULAS DA
EMEIF COMPLEXO ESCOLA SETOR C1, PARAIPABA, CE.***

FORTALEZA

2022

FRANCISCO ARLEY PINTO MOTA

***CINEGEOGRAFIA: USO DIDÁTICO DE CENAS DE FILMES NAS AULAS DA
EMEIF COMPLEXO ESCOLA SETOR C1, PARAIPABA, CE.***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Geografia do departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciando em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M871c Mota, Francisco Arley Pinto.
Cinegeografia : uso didático de cenas de filmes nas aulas da EMEIF Complexo Escola Setor C1,
Paraipaba, CE / Francisco Arley Pinto Mota. – 2022.
32 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências,
Curso de Geografia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira.
1. Ensino. 2. Geografia. 3. Dispersão. 4. Inovação. 5. Cinema. I. Título.

CDD 910

FRANCISCO ARLEY PINTO MOTA

***CINEGEOGRAFIA: USO DIDÁTICO DE CENAS DE FILMES NAS AULAS DA
EMEIF COMPLEXO ESCOLA SETOR C1, PARAIPABA, CE.***

BANCA AVALIADORA

Christian Dennys Monteiro de Oliveira
Orientador

Iana Bárbara Oliveira Viana Lima
Examinador (a)

Maria Edivani Silva Barbosa
Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradecer principalmente a Deus que me possibilitou vivenciar toda essa experiência de formação em Geografia – Licenciatura pela UFC, me protegendo e me orientando sobre o trajeto correto a seguir face as inúmeras possibilidades de depravações e caminhos tortuosos que eu poderia ter ido.

Aos meus pais, Diana e Clécio que ficaram do meu lado desde meu nascimento até os dias atuais. Sou muito grato a meu pai que foi me deixar no ponto de ônibus às 4 horas da madrugada por vários dias, para que eu pudesse pegar o ônibus no interior com destino a capital.

A minha namorada, Karen, que foi minha “psicóloga” durante esses 4 anos de estudo. A minha irmã, Luana, pela parceria e ajuda pessoal. Aos meus avós, tios, tias, padrinhos e primos.

Sou muito grato também aos meus professores desde a educação básica até o último semestre da faculdade. A formação de qualidade é feita graças ao empenho profissional de quem sabe exercer o trabalho. Dessa maneira, sou também grato ao professor Christian que me mostrou um lado de estudo da geografia que eu despertei interesse e tive como resultado esse artigo. A professora Edivani, por suas aulas e seus conselhos para a vida dos alunos. Sou grato também a PRAE pela assistência estudantil. Aos professores supervisores de estágio que me acolheram. Enfim, grato a todos que de alguma forma me auxiliaram nessa caminhada árdua, mas recompensadora.

**CINEGEOGRAFIA: USO DIDÁTICO DE CENAS DE FILMES NAS AULAS
DA EMEIF COMPLEXO ESCOLA SETOR C1, PARAIPABA, CE.**

**CINEGEOGRAPHY: DIDACTIC USE OF MOVIE SCENES IN CLASSES AT
EMEIF COMPLEXO ESCOLA SECTOR C1, PARAIPABA, CE.**

Francisco Arley Pinto Mota

RESUMO

Diante das dificuldades dos docentes em Geografia na busca de estratégias para enfrentar a dispersão e a falta de atenção dos alunos, este estudo explorou uma alternativa nas possibilidades didáticas do uso do cinema. Buscou-se aqui descrever um conjunto de atividades que correlacionavam conteúdos selecionados e cenas de filmes nas aulas de Geografia para alunos de 9º ano da EMEIF Complexo Escolar Setor-C1, Paraipaba, Ceará. O objetivo geral foi estabelecer uma relação mais literal dos alunos com sua vivência exterior utilizando o recorte audiovisual, através do uso do cinema, como também implementar uma ação mais atrativa e ao mesmo tempo efetiva, tendo como premissa a possível associação imaginativa dos alunos, em razão das cenas exibidas atreladas ao estudo teórico anterior. Como processos metodológicos, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica em artigos e periódicos relacionados à área do ensino de geografia e linguagem cinematográfica. Foi realizada uma sequência didática com introdução da temática, tratamento didático com aulas expositivas e problematização com apresentação de 5 cenas que abarcavam os assuntos trabalhado com a sistematização do conteúdo. A natureza da pesquisa em questão refere-se a uma busca documental seguindo a análise experimental. Realizou como parte da sequência uma atividade avaliativa com o preenchimento de formulário. O presente estudo revela o extremo grau de dificuldades que enfrentam os docentes de geografia perante as salas de aula, e dessa maneira busca estimular a inovação do professor, instigando possíveis rupturas que deve existir nas escolas da educação básica quanto ao ensino monótono, com foco no ser docente enquanto propositor de novas metodologias de ensino. Desse modo, pretende-se com esse estudo mostrar as diversas possibilidades de práticas de ensino que o professor detém enquanto ser regente das aulas.

Palavras-chave: Ensino. Geografia. Dispersão. Inovação. Cinema

ABSTRACT

Faced with the difficulties of teachers in Geography in the search for strategies to face the dispersion and lack of attention of students, this study explored an alternative in the didactic possibilities of using cinema. The aim here is to describe a set of activities that correlated selected contents and movie scenes in Geography classes for 9th grade students at EMEIF Complexo Escolar Setor-C1, Paraipaba, Ceará. The general objective was to establish a more literal relationship between the students and their outside experience using the audiovisual clipping, through the use of cinema, as well as to implement a more attractive and at the same time effective action, having as a premise the possible imaginative association of the students, in reason for the scenes shown linked to the previous theoretical study. As methodological processes, a bibliographical research was developed in articles and periodicals related to the teaching of geography and cinematographic language. A didactic sequence was carried out with the introduction of the theme, didactic treatment with expository classes and problematization with the presentation of 5 scenes that covered the subjects worked with the systematization of the content. The nature of the research in question refers to a documentary search following the experimental analysis. As part of the sequence, an evaluative activity was carried out by filling out a form. The present study reveals the extreme degree of difficulties that geography teachers face in the classroom, and thus seeks to stimulate teacher innovation,

instigating possible ruptures that must exist in basic education schools in terms of monotonous teaching, with a focus on to be a teacher while proposing new teaching methodologies. Thus, the aim of this study is to show the various possibilities of teaching practices that the teacher has as a conductor of the classes.

Keywords: Teaching. Geography. Dispersion. Innovation. Cine

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	07
2 – METODOLOGIA PROPOSTA	08
3 – UMA FORMAÇÃO MAIS CRIATIVA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	10
3.1 – O cinema no ensino de Geografia	15
3.2 – O tempo como elemento limitador	17
3.3 – Roteiro utilizado para trabalho com cenas de filmes	19
4 – A GEOGRAFIA ESCOLAR EM CENAS CINEMATOGRAFICAS	21
5 – RESULTADOS DO <i>CINEGEOGRAFIA</i>	26
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 - INTRODUÇÃO

O cinema é uma forma de expressão artística muito aclamada na atualidade, servindo como meio de trabalho para muitos e entretenimento para milhões de pessoas. Através de hipóteses e com o Estágio Curricular em Geografia III (Ensino Fundamental), foi possível testar o uso e aplicação de cenas de filmes em aulas de geografia, para a turma de 9º da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEIF) Complexo Escolar Setor C1, de Paraipaba-Ce. O motivo de escolha do 9º ano se deu basicamente pela pluralidade conteudista que os mesmos teriam de passar (Fontes de energias), que por ser um conteúdo que visualiza uma diversidade de assuntos, seria mais prático variar e inserir mais cenas. Este trabalho se trata de um relato de práticas de ensino realizada durante o período de estágio.

O ensino de geografia estuda todo o espaço geográfico circundante da terra, ou seja, todo o espaço terrestre produzido pelo homem ou que possui relação direta ou indireta com este. Assim como as demais áreas, a Ciência Geográfica passa por grandes problemas, desde a falta de profissionais competente que tratem a profissão do ser docente com integral responsabilidade conceitual e prática, como também o desinteresse de muitos alunos para com as aulas de geografia. Os tempos atuais são de intenso processo de informatização, que resulta no período marcado pelas rápidas conexões e transações mundiais. Internet está disponível em praticamente todo lugar do planeta, projetando uma infinidade de acessos e informações. Isso gera consequências dentro da sala de aula: alunos com falta de interesse em prestar atenção no assunto exposto, falta de envolvimento participativo nas aulas e etc. Com muitas informações, o aluno vê que não necessita passar horas concentrado numa explicação, pois ele pode acessar resumo nas redes sociais em segundos, permitindo “entendimento” simples e imediatos. A questão fundamental não é o tempo ou a pressa dos alunos, mas as fragilidades da atualização profissional da coletividade docente. A falta de inovação metodológica afeta diretamente o relacionamento professor-aluno, que por conseguinte gera turmas mais dispersas e sem um nível satisfatório de envolvimento.

Com o intuito de tornar as aulas mais atrativas e desviar o aluno de explicações rápidas, rasas e procrastinantes, optou-se por trazer algo que desperte o interesse de milhares de jovens para dentro da sala de aula, claro que sempre atentando ao ensino de Geografia. Para isso, foi planejada uma sequência didática, onde algumas temáticas da Geografia foram trabalhadas mediante estudos mais sistemáticos com aulas expositivas e problematização dos conteúdos mediante exibição de 5 cenas, sendo 4 de filmes e 1 cena retirada de um seriado, aplicada na turma de 9º ano. Através das cenas exibidas, os alunos podem vivenciar o mundo

e suas formas de interação através da tela. Um assunto de Geografia sobre clima ou relevo europeu pôde facilmente ser compreendido através das cenas mostradas, e que de maneira simples, retratam de forma “literal” o que foi discutido em sala de aula, tornando lúdico e visível o arcabouço teórico exposto nas aulas. É como diz Rodrigues e Votto (2017, quando afirmam que o filme tem a capacidade peculiar de mostrar os locais, costumes e culturas de diferentes regiões do globo, que de forma direta afeta a visão que os alunos tem do mundo.

Com objetivos práticos de envolver os alunos nas aulas de Geografia e poder interagir mais através de diálogos, dúvidas e contribuições, foi utilizado a aplicação de cenas de filmes e séries de no máximo 10 minutos cada. Por conseguinte, estimulou-se a participação em roda de conversas sobre as cenas, incentivando pontos comuns entre estas cenas exibidas e o conteúdo/tema geográfico visto e trabalhado anteriormente a essa prática.

O presente trabalho tem como objetivo geral estabelecer uma análise da aplicação de recortes de cenas de filmes no ensino de geografia, ponderando os benefícios que o cinema pode trazer à aprendizagem geográfica. Como objetivos específicos, tentou-se: verificar o grau de envolvimento dos alunos com a atividade proposta, como também avaliar como a atividade estimulou os alunos na exposição de suas opiniões e contribuições, visando o uso do senso crítico; entender como se torna possível trabalhar uma atividade de inserção de filmes ou cenas de filmes tendo como premissa a curta carga horária de aulas para os alunos: como conciliar o elemento limitador tempo?

Portanto, este trabalho estrutura-se na reflexão do professor de Geografia e encaminha seu corpo teórico na análise de trabalhos e artigos que estimulam a formação criativa e a utilização de metodologias inovadoras e atuais para o ensino; seguindo da descrição da atividade com cenas de filmes, descrevendo-as e elencando pontos-chaves nessa relação. A atividade conclui-se conforme o esperado, alcançando um nível satisfatório de interação e assimilação.

2 – METODOLOGIA PROPOSTA

Esse trabalho conta com uma metodologia pautada na pesquisa bibliográfica em função da reflexão sobre a prática de ensino, ensino de geografia no contexto atual e também sobre o cinema aplicado a educação e a geografia. O livro *Pense como um artista* fomentou essa seleção bibliográfica por destacar diversas relações dos artistas com a vida social das pessoas de um modo geral, seja no âmbito estudantil ou profissional. Ele apresenta dicas importantes sobre o ousar, o ousar a fazer diferente, a criar sua maneira específica de ler e ver o mundo, criar suas próprias metodologias. Houve a busca de muitos artigos, como Gompertz, Foucault, Edivani

Barbosa, Paschoarelli, Maria Pires entre outros; busca por periódicos de escritores que trataram do cinema atrelado a educação, notícias de jornais, vídeos informativos do tema, monografias e teses de mestrado.

Após esse período de escolha bibliográfica que durou 4 meses, seguiu-se a sequência para o planejamento de todo o estágio. Com três encontros (2 aulas cada) com a turma aconteceu a exposição inicial do conteúdo didático de fontes de energias, utilizando o projetor com auxílio de slides já feitos, foi apresentado para a turma os principais elementos que unem e ao mesmo tempo diferem as fontes de energias. Para o terceiro encontro, ocorreu o desfecho do assunto com momento de dúvidas, perguntas e atividade fixadora final. Depois de o conteúdo ter sido ensinado, direcionou-se a atenção para o ponto de elencar os filmes a serem trabalhados com os alunos do 9º ano. Passar filmes completos para os alunos estava fora de cogitação, por serem longos. Por isso optou-se por cenas curtas junto a uma atividade paralela. Essa atividade foi chamada de *Cinegeografia*, que seria resolvida no mesmo horário de exibição das cenas. Os alunos assistiam a primeira cena e em seguida seria destinado um curto espaço de tempo para que respondessem a um questionário de apenas 3 perguntas, tendo após isso a exibição da segunda cena e conseqüentemente outro momento para respostas e assim sucessivamente até completar as 5 cenas. A atividade *Cinegeografia* continha 3 perguntas, que serão as mesmas para todas as 5 cenas. Elas abordam indagações pertinentes ao assunto teórico visto em sala em conformidade com a cena apresentada. A seguir será descrito quais foram as 5 cenas.

1ª O menino que descobriu o vento: William Kamkwamba (Maxwell Simba) é um garoto de 13 anos que sai da escola que ama quando sua família não pode mais pagar pelos custos. Voltando em segredo para a biblioteca da escola, ele encontra um caminho, usando partes da bicicleta pertencente ao seu pai Trywell (Chiwetel Ejiofor), para construir um moinho que, em seguida, salva sua aldeia da fome. A viagem emocional de um pai e seu filho excepcional em seu coração, captura a determinação incrível de um menino cuja mente inquisitiva superou todos os obstáculos em seu caminho.

2ª Chernobyl: O filme conta sobre as conseqüências da explosão na usina nuclear de Chernobyl, quando centenas de pessoas sacrificaram suas vidas para limpar o local da catástrofe e para prevenir um desastre ainda maior que poderia ter tornado grande parte do continente europeu em uma zona inabitável. O improvável herói do filme é um bombeiro da usina.

3ª Pompeia: Alguns dias antes da lendária erupção do monte Vesúvio, o escravo Milo (Kit Harrington) está preso dentro de um navio, em direção à Nápoles. Ele vai fazer de tudo para escapar e salvar a mulher que ama, além de ajudar o seu melhor amigo, um gladiador que está

em dificuldades no interior do Coliseu.

4ª Peaky Blinders: A história se passa na Grã-Bretanha em 1919 e acompanha a família Shelby, uma gangue cruel que prosperou após a Primeira Guerra Mundial, quando atividades do submundo, como o comércio ilegal de armas, esquema ilegal de aposta em corrida de cavalos, proteção e golpes de jogo se tornaram frequentes.

5ª A onda: Localizado na Noruega, o fiorde de Geiranger é um dos pontos turísticos mais espetaculares da região, mas também é um local propício para cataclismas. Após anos no centro de alerta do local, o geólogo Kristian (Kristoffer Joner) sente que alguma coisa não está normal. Os substratos estão mudando. Em plena alta temporada turística, uma onda gigante atinge o local, colocando a montanha abaixo e dando apenas dez minutos para que as pessoas consigam chegar a um terreno elevado.

O processo de escolha dos filmes durou mais de duas semanas, de modo que o encaminhar das edições, dos recortes e nas excessões de filmes que não se encaixavam levou boa parte desse período. Em um primeiro momento foi estudado e revisionado todo o conteúdo de energias renováveis e não renováveis, para que depois desse entendimento fosse analisado as cenas de filmes a serem exibidas. Após esse primeiro contato, foi iniciado o período de pesquisa quanto a escolha dos filmes, de modo que alguns dos escolhidos já haviam sido escolhidos.. Quanto as temáticas que faltavam, foi realizado uma busca de filmes ou séries que abordagem conteúdos semelhante aos vistos no conteúdo de energias. Muitos filmes e episódios de séries foram vistos, muitos descartados e poucos escolhidos. Como recursos metodológicos, utilizou-se a televisão da escola, o projetor da secretaria de educação de Paraipaba e caixa de som para a exibição das cenas. A atividade ocorreu num tempo de duas aulas, contendo 50 minutos cada. Ao todo, 28 alunos participaram.

A pesquisa segundo Paschoarelli, et.al (2015, p. 69) classifica-se como qualitativa ou também conhecida como de pesquisa de métodos mistos. A mesma aponta dados qualitativos acerca das análises comportamentais e sociais dos alunos e professores que interferem na sala de aula, bem como também o uso de gráficos percentuais que retratam os resultados obtidos na atividade proposta. Ambos os métodos são essenciais e altamente complementares se trabalhados em paralelos. O método qualitativo torna a pesquisa compreensiva das diversas realidades existentes e dos problemas enfrentados. O método quantitativo consegue estabelecer em números reais os resultados obtidos a partir do uso e aplicação da atividade desenvolvida, considerando as devolutivas como satisfatórias ou não.

3- UMA FORMAÇÃO MAIS CRIATIVA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

As dificuldades do ensino de geografia para otimizar as mais diversas capacitações na formação continuada e obter êxito na conquista de atenção e rendimento dos alunos permanecem crescentes. O que se tem visto na Pós-modernidade é a falta de interesse da maioria dos alunos frente aos campos disciplinares convencionais, o que inclui os conteúdos geográficos. Rejeita-se em geral as narrativas habituais dos livros, seja para copiar ou interpretar, ouvir explicações sobre o exposto em sala de aula e principalmente desenvolver atividades curriculares e trabalhos de forma geral. Tudo isso vem engessando a capacidade educativa de profissionais da educação, com desafios e barreiras enormes para fomentar alternativas no processo de ensino e aprendizagem inclusive da geografia escolar.

Landim Neto e Barbosa (2010, p. 161) asseveram que, “[...] o ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam”. A função principal do docente de Geografia é fazer com que seus alunos se tornem seres críticos da sociedade a qual eles vivem. É contribuir com eles na análise do bairro que os circunscreve, fazê-los pensar nas políticas públicas ali desenvolvidas e mais do que isso, que os tornem seres modificadores do meio a partir do direcionamento crítico escolar. Essa maneira de pensar e agir quebra toda a linha de raciocínio que muitos agentes escolares apregoam em seus discursos, incluindo professores: a escola deve preparar o aluno para o mundo – como ele será preparado para o mundo sem o modificar? Se nunca ter visto isso na prática no ambiente escolar? Ou “a escola é lugar de alunos destaques em notas e que o conhecimento interno aos muros escolares” – e os demais não? Se o professor em parceria com a escola não propuser metodologias e práticas extraescolares com os alunos, o ensino de geografia continuará enfadonho, sem graça e sem exemplificação física.

Algo que interfere diretamente nessa relação aluno e professor é o processo de formação acadêmica do docente, que através de uma boa formação, sua forma de estimular o senso crítico e modificador da sociedade para os alunos definirá seu bom trabalho, conforme orienta a seguir:

Convém destacar que a formação do professor se constitui um elemento primordial para a construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos fundamentais e de seus significados sociais. Para tanto, não basta ao professor ter domínio da matéria (conteúdos), torna-se necessário que o docente tenha a capacidade de pensar criticamente, desvendar os processos que permeiam a realidade social e que se coloque como sujeito transformador desta realidade. (LANDIM NETO e BARBOSA, 2010, p.162 e 163)

É de suma importância uma formação coerente com as necessidades e competências almeçadas a serem alcançadas na sala de aula. Um professor que não saiu preparado para a realidade escolar, que não apresenta flexibilidade e principalmente criatividade para propor aulas interativas apresentará um quadro monótono de ensino, sem grandes novidades, sem o interesse do aluno para com a aula e conseqüentemente sem resultados positivos. O professor de Geografia deve permear seu caminho docente crítico e modificador da sociedade de maneira holística, bem planejada, largamente pensada e perfeitamente executada, fugindo assim da visão de ensino linear.

Conforme orientam Azambuja & Callai (1999, p.189) “os conteúdos não deverão ser estudados apenas no seu caráter informativo, mas principalmente como meio formativo da capacidade de raciocínio geográfico, de interpretação dos fenômenos socioespaciais.” Novamente retomando a ideia do ensino dentro e fora da sala de aula, deve existir a necessidade e responsabilidade em propor um ensino de qualidade, que combine os elementos teóricos e práticos do aluno.

Com o advento de novas tecnologias que o avanço da internet trouxe consigo e também de aplicativos que transformam tudo que se quer hoje (principalmente estudos) em algo, aparentemente, fácil, rápido e sucinto tem chamado mais a atenção dos alunos e também a da sociedade de um modo geral. Tecnologia de transformar um texto escrito em formato digital, ter vídeos e documentos a disposição na internet e leitores virtuais que ditam todas as palavras de um livro ou qualquer texto escrito. Ter um conteúdo que geralmente em sala de aula leva de 40 a 60 minutos para ser exposto pode facilmente ser visualizado no YouTube¹ em apenas 20 minutos. Apps como TikTok², Instagram³ e outros mais exibem através de seus usuários, constante macetes e resumos sobre diversas áreas do conhecimento escolar, a fim de inserir mais conteúdos para os alunos sem que os mesmos “percam” horas de estudos. A crítica a algum modelo ou forma como se emprega as coisas deve olhar para o viés negativo e positivo; essas práticas que vem se tornando cada vez mais constantes na vida de estudantes facilitam a lembrança e recordação de conceitos chaves na qual foram vistos há muito tempo. Isso ajuda muito a fixar conhecimentos de forma mais prática, porém desestimula os alunos a estudarem e se esforçarem para compreender o exposto em sala, resolver atividades e assimilar o conteúdo dentro do ambiente escolar.

¹ YouTube: Aplicativo mundial que reúne vídeos e lives. É uma plataforma de compartilhamento de vídeos, com sede nos Estados Unidos.

² TikTok: Rede social que dialoga com o público através de vídeos criados por contas cadastradas em seus bancos de dados, que ficam a disposição dos demais usuários, em forma de postagem.

³ Instagram: Rede social de grande relevância, que apresenta mecanismos de postagens, conversas e edições de imagens e vídeos.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TDICS) são tecnologias inovadoras que se destinam a educação. Essa tecnologia da educação surgiu para que as instituições escolares pudessem acompanhar o grau de transformação que o mundo vem passando e conseqüentemente se adequar a essas novas gerações, que já estão bem familiarizadas com essas inovações. É um contexto que move múltiplas interações e que as mesmas são rápidas, instantâneas (CASTELLS, 2003, p.107). Já que as tecnologias e esses recursos estão se atualizando, faz-se necessário inserir esses conhecimentos no ambiente escolar. Associando essas novas tecnologias ao mundo juvenil cada vez mais sofisticado e interligado, há de se ligar o útil ao agradável. Como a tecnologia, o cinema, a música, a dança, o teatro e diversas outras formas de manifestação artísticas podem ser úteis no ensino de geografia? Em se tratando do foco desse estudo, é inegável a eficácia e a grande capacidade que o cinema exerce sobre crianças, jovens e adultos na contemporaneidade. Ele é capaz de retratar desde realidades distópicas, históricas até eventos que foram reais e estão sendo transmitidos em forma de filme ou série. Atribuí-lo ao ensino de geografia pode trazer ótimos resultados.

Diante das realidades acima comentadas, ver-se a urgente necessidade de transformação do profissional chamado professor, de maneira que a intensa globalização e transformação do meio físico e social traz consigo um mundo que está a cada dia mais sofisticado, trazendo novos costumes, novos hábitos, novos modos de ver a terra, de vivências nos mais variados campos da sociedade; todos os pontos mencionados são sentidos no ambiente de trabalho e principalmente no espaço escolar. Daí retomamos a ideia de que o professor como ser formador do pensamento crítico e modificador deve estar em constante transformação, perpassando épocas ultrapassadas, metodologias e práticas já não mais utilizadas por novas formas de praticar e estimular o ensino de geografia. A ideia não é sugerir um abandono de práticas mais antigas ou das formas de ensino mais clássicas, mas uma atualidade viva dentro do ensino do professor na sala de aula, que possa compreender e articular com a realidade atual dos alunos.

O livro “Pense como um artista” do escritor britânico Will Gompertz foi base fundamentador para o presente artigo. Em suas mais de 172 páginas, o livro aborda sobre diversos assuntos relacionados a criatividade artística de alguns pintores renomados do mundo inteiro, elencando pontos-chaves que foram decisivos para o sucesso e mais do que isso, pontos elementares, visto por poucos que foram o verdadeiro diferencial das obras de alguns em relação a outros. Os escritos dessa obra relacionam essa questão artística com atividades do cotidiano em geral, trazendo pontos fundamentais que foram decisivos para artistas, que podem mudar realidades e mais do que isso, que foram e ainda são importantes para decisões e ações, que podem aparecer e se enquadrar dentro dos mais variados âmbitos da sociedade, desde situações

no trabalho, na vida pessoal, em empreendimentos e principalmente na escola. Ao tratar dos pontos iniciais acerca da criatividade, o Autor Will Gompertz (2015, p.8) fala o seguinte:

A criatividade é um tema quente. É um assunto que hoje instiga políticos, acadêmicos e pensadores, homens e mulheres no mundo todo. Dizem que é muito importante. Que será o centro da nossa prosperidade futura. Até aqui, tudo bem. Mas o que é exatamente a criatividade, e como ela funciona? E por que para algumas pessoas parece fácil ter ideias novas, brilhantes, enquanto para outras não? É simplesmente um caso de “tipos criativos” que foram “programados” de modo diferente ou tem mais a ver com comportamento e atitude?

É diante desses questionamentos acerca da criatividade e inovação que muitos artistas tiveram ao longo de suas carreiras, e que o livro vai se debruçar, que o presente artigo tratará a profissão docente como meio de se inovar e tecer novas formas de criatividades, trazendo exemplos práticos de ações que alguns deles fizeram e que, conseqüentemente deixaram como legado para a característica de um ser inovador e criativo que obteve êxito em suas performances. Um dos primeiros passos que os artistas mostram ter para serem considerados pessoas de sucesso naquilo que propuseram é o de ser empreendedor, de forma que um ponto de vista empreendedor é essencial para o sucesso criativo. As pessoas bem-sucedidas raramente ficam esperando as coisas caírem nas suas mãos, elas vão lá e fazem. É assim que o artista faz, transforma o que não era nada perante muitos olhos, em algo surpreendente (Gompertz, 2015).

Nas diversas atribuições que tem o professor dentro de um complexo escolar, o de planejar é um dos mais importantes para seu efetivo sucesso dentro e fora da sala de aula. A atividade que teve um bom rendimento dentro da sala de aula, a metodologia de ensino de determinado conteúdo que chamou a atenção e propôs a participação dos alunos e um bom feedback positivo na qual o professor recebe sobre a eficácia de seus métodos de abordagens para com os alunos são essenciais para um processo de ensino e aprendizagem fluido e prazeroso para ambos os lados, professor e aluno. No entanto podem acontecer imprevistos repentinos pela qual o professor não tenha se preparado previamente: pode faltar energia e o projetor falhar, podem faltar alunos para o formato de equipes que o professor planejou, datas podem se alterar devido a outras atividades e etc.

O texto de Will traz uma abordagem sobre a importância de sempre existir um plano B para tudo o que se pretende realizar. “Fracassar não é o mesmo que cometer um erro, embora um erro possa levar ao que à primeira vista pode parecer um fracasso.” (GOMPERTZ, 2015, p. 34). Para o autor quando se trata de qualquer manifestação de criatividade, algo que vai ser inevitável e que deve ser em certos pontos entendidos como parte do processo é o fracasso, de modo que essa sensação de fracasso não é nada agradável, mas é parte fundamental da

caminhada profissional. Quando o artista fica preparado para esses momentos, ele reage de forma otimista em função da dificuldade que está passando. Dessa forma, o professor assim como o exemplo de um verdadeiro artista deve se atentar sempre para o plano B e se dedicar para os detalhes mínimos de cada planejamento afim de evitar eventuais constrangimentos.

O professor deve exercer diversas atividades sob a função de seu exercício: planejar aula, expor para a turma, propor atividades, elaborar provas, corrigir atividades, ser apto a resolver situações de conflito que envolva os alunos, etc. Além disso tudo, algo que o professor nunca deve deixar de ser é pesquisador; a tendência de ser curioso e estar sempre atrás de novas explicações sobre problemas da sociedade é uma das principais virtudes do verdadeiro artista.

3.1- O Cinema no Ensino de Geografia

O conceito de cinema, ao longo dos últimos 100 anos passou a envolver toda a indústria cinematográfica de audiovisuais, que associava a produção de imagens em movimento. De acordo com Martins e Wingert (2017) o cinema surgiu no final do século XIX com os irmãos Lumière, que foram pioneiros no uso da máquina “cinematógrafo”, publicamente. Tal equipamento conseguia registrar imagens e projetar como filmes. Desde então, o cinema foi sendo aperfeiçoado, de modo que, na primeira metade do século XX, os filmes se consolidaram como uma poderosíssima indústria, tornando-se a principal forma de entretenimento em massa (MOCELIN, 2008, p. 28. Apud. MARTINS, et al. 2017). Esse período, marcado por guerras mundiais, corridas bélicas e tecnológicas, potencializou também saltos tecnológicos e eletrônicos, mediante a associação de outros equipamentos informatizados; o que tornou paradoxal a correlação entre competição mercadológica, estratégias militares e formas de entretenimento, além de outros vínculos de lazer e prestação de serviços. Com isso, o século XXI, mesmo em seus maiores desafios socioeducacionais herda os avanços tecnológicos do universo cinematográfico e informacional das telas, sistemas de dados e gravação eletrônica.

Nesta triangulação de reprodução infinita entre tela, imagem e som, o cinema se torna muito eficaz no dia a dia das pessoas; o que se estende para o âmbito formativo levando seu poder de influência para dentro do ambiente escolar. O filme, produto concreto do cinema, é também um poderoso recurso pedagógico aos professores de diversas áreas. Ele pode auxiliar nas práticas pedagógicas alternadas e contextualizadas, otimizando um ensino-aprendizagem mais efetivo. É como afirma Oliveira e João (2019, p. 2), “... o filme não é apenas de um elemento lúdico de entretenimento, mas sim, um complemento significativo que propicia análise, reflexão e uma aprendizagem qualitativa.” O extraordinário do cinema – que alcança a televisão e os equipamentos telemáticos do PC ao smartphone - encontra-se na dinâmica articulada de imagem, som e fluência direta do movimento do mundo real, fazendo a humanidade acessar em uma tela todas as outras formas de arte e mídia. E em uma área escolar onde o conhecimento do mundo é

uma constante, embora tão abstrato aos alunos, o filme tem a capacidade de mostrar locais, culturas e costumes distantes. Isso influencia como eles enxergam o mundo. (RODRIGUES e VOTTO 2017, p. 206 e 207)

Ver um desenho de um mapa, uma impressão em papel de determinado país ou pelo menos ouvir o professor proferir características de locais pelo mundo e suas importâncias, atraem a atenção do aluno, mas não por muito tempo. Por mais que essas metodologias estejam ativas no ambiente escolar nos dias atuais, e de certa maneira eficazes, o filme consegue despertar no aluno um senso de vivência, de presenciar sobre o exposto através das telas, como bem salienta a seguir, “[...] o filme nos traz uma forte impressão da realidade [...]” (BARBOSA, 2006, p.111, apud. VOTTO, 2017, p. 2017). Os filmes enquanto recursos didáticos dentro do ambiente escolar, apresentam o objeto de estudo através de imagens em movimento. De acordo com Votto (2017), essa característica desperta no aluno uma percepção mais objetiva acerca do conteúdo de Geografia visto em sala, tornando assim a aula mais atrativa.

Todo um trabalho preparatório deve ser bem articulado antes da passagem do filme para os alunos. Momentos antes de sua exibição, os estudantes já devem estar bem encaminhados acerca do que o filme vai propor e que articulações deverão ser feitas após seu término.

Ao aplicar o filme em sala de aula é necessário que o professor atue como mediador no processo de ensino-aprendizagem, pois deve preparar o aluno antes de assistir ao filme, propondo discussões de forma direcionada, incentivando-o a se tornar um espectador mais crítico e ajudando o aluno a fazer a relação do conteúdo do filme como conteúdo escolar. (VOTTO, et al. 2017, p. 2010)

Na junção do conteúdo programático que deve ser planejado e preparado para a sala de aula junto com o filme, (NAPOLITANO, 2011, apud. VOTTO, 2017 p. 208 e 209) elenca três princípios básicos de extrema importância para um bom realizar da atividade. Esses princípios são essenciais para um bom prosseguimento da atividade, elencando os pilares básicos dessa atividade.

1° **Conteúdo curricular** - os filmes devem ser abordados de acordo com os conteúdos curriculares de Geografia que formam o programa de ensino de acordo com a turma que será trabalhada. É voltando para aquela premissa de que o filme não deverá ser uma “tampa buraco”, mas um recurso de grande potencialidade.

2° **Habilidades e competências** - o trabalho com filmes ajuda o aluno a desenvolver diversas habilidades e competências como a observação, a interpretação, a análise, a criticidade e a expressão. Esse momento é de fundamental importância que o professor proponha discussões acerca do que foi visualizado. Para que a atividade seja realizada com êxito, o professor deve propor esse diálogo crítico do filme em paralelo ao assunto estudado. Exigir resumos, resenhas,

dissertações, atividades avaliativas em cima dessa relação é de suma importância para o bom desempenho avaliativo.

3º **Conceitos** - o professor deve atentar para os conceitos geográficos presentes no filme. Deve ser bem analisado previamente o filme, afim de propor conceitos chaves que foram trabalhados no estudo teórico e que agora estão inseridos no filme.

É interessante que o professor avalie a classificação indicativa apropriada para a faixa etária dos alunos da atividade planejada, de forma que o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos seja condizente com os seus limites intelectuais.

3.2 O Tempo como Elemento Limitador

Na maior parte de nossas vidas o tempo de alguma forma sempre se mostra presente e de grande relevância para os nossos afazeres. Ao nos levantarmos o relógio toca o alarme, existe um intervalo curto da hora que despertamos até chegar ao trabalho, há uma carga horária a se cumprir tanto no trabalho quanto na escola, apresentam-se regras em torno do cumprir horários e também por último, existem os pequenos intervalos que subdividem as tarefas diárias, tais como: o intervalo para o lanche, o recreio e o limite entre aulas. Dessa maneira, se torna notório o quão importante é saber lidar com o tempo no nosso dia a dia, principalmente no trabalho e na escola.

Em seu trabalho a qual se baseia na obra de “Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção” do famoso filósofo francês Gilles Deleuze, Hur (2013) tece algumas considerações iniciais a despeito da multiplicidade do tempo e de como esse conceito de tempo é linear e segmentar no senso comum atualmente, de modo que se segue:

Tal temporalidade linear está dividida em passado, presente e futuro, em que os três termos são segmentares e descontínuos; o que é passado é diverso do que é presente, que é diverso do que é futuro. Essa imagem do tempo supõe uma estaticidade entre os três momentos, como se fossem três patamares distintos. Também supõe o modelo de uma continuidade linear, ao conceber a sucessão de eventos como decorrência temporal, em que segue sob a forma de uma flecha irreversível. É a forma comum de pensar o tempo e que é transmitida na escola e na sociedade, é o tempo sob a égide de Cronos, o titã que devora seus filhos, o tempo contado exteriormente e que marca corpos, rotinas e hábitos das pessoas. Cronometra-se o período de sono, a jornada de trabalho, o período das refeições, a duração da aula, as férias, o round de uma luta, ou seja, demarca-se exteriormente a vida dos sujeitos e coletivos. É o tempo marcado nos relógios, nos despertadores, aquele que faz tic-tac e ao qual estamos acostumados e somos sobrepujados desde sempre. (HUR, 2013, p. 180)

Ter domínio do elemento tempo é essencial para tudo que se pretende produzir hoje. Uma aula não planejada sugere irresponsabilidade que trará consequências para a turma: aula monótona, alunos dispersos por não ter o que fazer e o tempo que irá se arrastar por não haver

um planejamento integral para a aula. É necessário conhecimento sobre as delimitações temporais, para que haja um bom desempenho da atividade planejada, obtendo êxito em cada minuto ou segundo do tempo trabalhado.

Tecendo algumas ideias, Pinho, et al. (2015) mostra que ao olhar apenas para os tempos sociais que ocorrem do lado de fora da escola já se vê a complexidade de relações interpessoais, quanto mais se o educador olhar para dentro da sala de aula com dezenas de alunos que apresentam complexas relações de temporalidade e realidades distintas. É o aluno pobre que não tem alimento em casa, que não tem material escolar de qualidade. É o aluno que pode ter sofrido algum tipo de violência em casa, que apresenta algum transtorno psicológico. Toda a diversidade apresentada pelos alunos na sala de aula deve ser bem conhecida pelo professor, o que demanda tempo. Ao mesmo tempo em que se configuram realidades singulares na escola, exprimem também maneiras singulares de se usar e experimentar o tempo. Como afirma, “Essas formas de apropriação, no entanto, contrastam muitas vezes com o tempo uniformizador da escola.” (PINHO e SOUZA, 2015, p. 668)

É entendendo e compreendendo que o aluno, o ser estudante que vai para a escola e vive em função de vários tempos sociais vividos longe do ambiente escolar e com as contribuições que os professores e educandos levam para a sala de aula, que Pinho e Souza (2015) afirmam baseado em Arroyo (2011, p. 310) de que não temos o direito de impor uma única concepção de tempo. Deve-se levar em consideração as limitações dos alunos, conhecer seus ritmos de vida, o que eles fazem além da escola. É conhecer a realidade do aluno em sua vida social; será que ele trabalha? Será que não cuida de algum bebê enquanto a mãe está trabalhando? Tudo isso deve ser levado em consideração para que haja uma maneira mais harmônica no ensino e aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), estabelece que no Ensino Médio, o efetivo trabalho letivo se constitui de 1000 distribuídas em ao menos 200 dias letivos ou 5 horas diárias horas. Vale salientar que no novo ensino médio essa carga horária ficará ainda maior, um vez que nos três anos de formação (3.000 horas) os alunos terão 40% (1.200 horas) destinados ao itinerário formativos, sendo as novas disciplinas complementares e os 60% (1.800 horas) restantes devididos nas áreas do conhecimento obrigatória. Para o ensino fundamental, o ano escola fica em 200 dias letivos que por sua vez, se subdividem em 2 semestres. Seguindo a linha de raciocínio, a LDB estabelece que o horário de duração da hora-aula é de competência do projeto pedagógico do próprio estabelecimento.

Propostos através de regulamentações, o Ensino Fundamental, na maior parte da rede

pública atual apresenta em sua grade curricular anual 4 aulas para cada turno (manhã ou tarde), tendo cada aula em torno de 50 a 60 minutos. Elas iniciam às 7 horas e são interrompidas a partir do término da segunda aula, com o lanche seguido do intervalo. Após esses dois momentos, retorna as duas últimas aulas, que se estendem geralmente até às 11 horas.

Propostos através de regulamentações, o Ensino Fundamental, na maior parte da rede pública atual apresenta em sua grade curricular anual 4 aulas para cada turno (manhã ou tarde), tendo cada aula em torno de 50 a 60 minutos. Elas iniciam às 7 horas e são interrompidas a partir do término da segunda aula, com o lanche seguido do intervalo. Após esses dois momentos, retorna as duas últimas aulas, que se estendem geralmente até às 11 horas. A escola regular é aquela que segue a educação comum, obedecendo todos os níveis de ensino e faixas etárias estabelecidas; com relação a sua carga horária, é de meio período. Se diferencia portanto da escola integral, que estende seu horário de ensino para os dois turnos diários.

Tendo em vista a curta carga-horária estabelecida para as aulas do ensino fundamental, foi pensado inicialmente para esta pesquisa a inserção de cenas de filmes em aulas de geografia da EMEIF Complexo Escolar Setor C1, do município de Paraipaba. Anterior a essa proposta, cogitou-se inserir um filme ou filmes para eles, porém o tempo não permitia. Filmes em geral apresentam duração média de aproximadamente 1 hora e 20 minutos, que de certo modo, já extrapola o tempo de aula. Diante dessa limitação, ficou decidido por cenas curtas de filmes, que não ultrapassassem os 10 minutos cada.

Diante dessa realidade, faz-se necessário um bom planejamento docente para otimizar o tempo dentro da sala de aula. Assim sendo, a aula poderá seguir seu desenvolvimento no espaço de tempo previsto, não tornando-se cansativas ou repetitiva, atendendo melhor os objetivos para com o conteúdo exposto. O fundamental para esse controle é a capacidades de reconstruir o filme, em seus recortes e reedições, conforme a possibilidade de a película caber no espaço-tempo da aula; não só em termos de exibição. Mas, principalmente como começo, meio e fim. O limite do tempo é, portanto, um desafio indispensável a reelaboração do cinema feito um recurso didático acessível a realidade do trabalho escolar.

3.3 Roteiro Utilizado Para Trabalho com Cenas de Filmes

Nesse tópico abordaremos o roteiro utilizado em sala de aula para o trabalho didático e lúdico que foi realizado junto a turma de 9º ano da escola EMEIF Complexo Escolar Setor C1, Paraipaba. Este teve por finalidade a organização da atividade proposta, tecendo pontos importantes que deveriam ser instigados em sala de aula e orientando os alunos de forma mais

“prazerosa” sobre o assunto. Para título de informação, a atividade foi desenvolvida como parte integradora da disciplina ao estágio supervisionado em geografia III. O roteiro conta com dois momentos bem separados no período de estágio na escola: o primeiro conta com uma abordagem expositiva do conteúdo, em que se separou duas aulas para a explicação do assunto junto com atividade básica; o segundo momento se destinou a exibição das cenas de filmes, que de maneira relacionada, abordou tópicos estudados previamente pelos alunos, sobre energias no início do semestre.

A turma estava no início do primeiro semestre letivo, estudando sobre a geração de energias no Brasil e no mundo. Por estarem vendo as fontes de geração de energias renováveis e não renováveis, foi sugerido a aplicação da intervenção do estágio em cima desse assunto. A atividade continha inicialmente a própria exibição das cenas sendo seguida da resolução de um pequeno questionário sobre a cena em relação ao conteúdo de energias. Haveria só mais uma aula para a exposição dessa atividade, o que de forma negativa limitaria ao extremo o tempo proposto para executar a atividade. Dessa forma, reduziu-se para 5 cenas com duração de 5 a 8 minutos.

A seguir será mostrado de forma explicativa quais foram as três perguntas da atividade, sendo explicado os motivos para a escolha de tais indagações e evidenciando os pontos fundamentais que as mesmas requerem enquanto questionamento.

ROTEIRO DA ATIVIDADE CINEGEOGRAFIA	
PERGUNTAS	ESCLARECIMENTOS
Que energia ou fonte de energia é mostrada?	Nesse momento é explorada a primeira indagação, que diz respeito a qual fonte de energia foi mostrada na primeira cena. Após todas as 4 aulas expositivas sobre todas as fontes de energias (renováveis e não renováveis), atividades revisionais, momento do tira dúvidas e sugestões de vídeo aulas, os alunos estavam mais que preparados para identificar as características das energias no seu entorno. Essa pergunta estimula a capacidade de associação do aluno. Desenvolve o relacionar teórico visto em sala com o abstrato, o filme, a paisagem, o jornal, o noticiário e até mesmo sua rotina. A cena remete a alguma fonte de energia ou uso desta, e isso foi mostrado em poucos minutos para que o aluno pudesse saber que fonte estava sendo usada e, com isso, escrevesse corretamente.
É renovável ou não renovável?	A partir dessa pergunta, tomou-se como objetivo o repensar sobre a característica de determinada energia. Será ela renovável? Ou não? Essa noção estimula o aluno a relembrar os conceitos estudados, as características de cada energia e a disponibilidade energética atual, discutido em sala de aula. Com isso, o aluno deveria responder à pergunta junto com uma explicação de tal posicionamento. A pergunta objetiva compreender o grau de envolvimento dos alunos com o assunto visto em sala, tentando evidenciar a capacidade de concentração deles, visto que a pergunta trazia consigo um certo teor de dúvidas, mediante as cenas.

Explique a partir de que matéria prima (recurso natural) é feita e qual é o processo de produção dessa energia.

Por ser a última pergunta, a terceira questão trouxe consigo um desafio maior para os alunos responderem com êxito o questionário proposto. Ela pede inicialmente que o aluno explique a partir de que matéria prima foi feita o modo de produção de energia ali mostrado na cena. Essa questão é mais complexa porque aguça a mente do aluno e discorrer sobre a origem natural que gera aquele modo de produção de energia, ou seja, ele deve responder sobre algo além das filmagens ali exibidas, mas que foram estudadas em sala de aula. A segunda metade da pergunta requer o último e talvez mais técnico raciocínio do aluno, pois pede uma explicação acerca da geração literal de determinada energia: como é feita? Como funciona o mecanismo interno das turbinas? Essa pergunta por mais que não tenha conotação exata com o ensino de geografia, por se tratar de um assunto puramente mecânico foi posta no questionário para todas as cenas em virtude da própria curiosidade dos alunos quanto a produção literal da energia ainda nas aulas expositivas. Eles, ou pelo menos a maioria deles estavam preparados para essa explicação.

4 – A GEOGRAFIA ESCOLAR EM CENAS CINEMATOGRAFICAS

A seguir, será informada a temática e as características dos filmes utilizados e como eles se relacionam com o saber geográfico dentro do ambiente escolar, especificamente no conteúdo de Fontes de Energias, assunto que foi visto durante o executar da atividade. Para melhor entendimento, a descrição da atividade das cenas dos filmes com a turma foi dividida em duas partes: I - parte informativa do filme que trará informações acerca do filme em si, classificação, conteúdo, sinopse e outros pontos; II – Parte descritiva e informativa, que buscará fazer um diálogo entre a relação do filme com o assunto visto em sala de aula.

CENA 1: O menino que descobriu o vento

I-PARTE INFORMATIVA DO FILME

TÍTULO: O menino que descobriu o vento

CONTEÚDO: Seca, desigualdade, energia eólica

CLASSIFICAÇÃO: 14 anos

DIRETOR: Chiwetel Ejiofor),

ANO: 2019

LOCAL: África

SINOPSE: William Kamkwamba (Maxwell Simba) é um garoto de 13 anos que sai da escola que ama quando sua família não pode mais pagar pelos custos. Voltando em segredo para a biblioteca da escola, ele encontra um caminho, usando partes da bicicleta pertencente ao seu pai Trywell (Chiwetel Ejiofor), para construir um moinho que, em seguida, salva sua aldeia da fome. A viagem emocional de um pai e seu filho excepcional em seu coração, captura a determinação incrível de um menino cuja mente inquisitiva superou todos os obstáculos em seu caminho.

O filme *O menino que descobriu o vento* se baseia numa história de vida real que aconteceu em um país pobre do continente africano. A trama exhibe com clareza o processo lento e sofrido que William vive antes de ser reconhecido por seu feito, que de forma brilhante revolucionou a forma de viver de sua comunidade. Ao criar uma ferramenta que se utiliza do vento para produzir energia capaz de transportar água de sua cacimba para a plantação de pai,

William ganha respeito por criar algo que vai de encontro as dificuldades que sua comunidade vinha lutando há anos: a seca. A proposta geral dessa cena se divide em dois momentos distintos, sendo o primeiro com objetivo prática da própria atividade do *Cinegeografia* e o segundo momento abraçando um rol de discussões sobre a realidade destacada do filme. Os alunos facilmente entenderam a energia explícita na cena, sendo o vento o maior caracterizador da energia ali desenvolvida. Não houve outras respostas que divergissem da correta, o que já era esperado por se tratar de uma cena considerada de fácil compreensão. Os alunos facilmente comentaram entre si no desenrolar da cena acerca da cena mostrada.

O filme conseguiu com facilidade e com boa visualização (cenas claras, com boa iluminação) passar a realidade vivenciada naquela sociedade de extrema pobreza, clima árido e de difícil implementação de políticas pública, havendo quase que nenhuma possibilidade de saneamento básico, coleta de lixo, auxílios sociais e etc. Além dos problemas sociais, foi trazido à tona o bom condicionamento climático da África em apresentar boas condições para instalações de aerogeradores, condição essa que foi bem aproveitada no filme. Foi sugerido por alguns sobre como a instalação de painéis fotovoltaicos seria viável naquele local, visto o grande grau de insolação em função da posição latitudinal geográfica. Isso foi muito bom, pois mostrou um bom grau de associação dos alunos. Essa cena remetia além de uma compreensão interpretativa, uma criticidade social.

Como mediador da atividade, foi proposto um momento de conversa crítica sobre a situação social a qual vivia aquela comunidade pobre da África. Os alunos mantiveram um nível satisfatório de contribuições sobre o filme, evidenciando a situação social de extrema pobreza a qual viviam a comunidade em questão, e colocando como ponto de partida a vontade interior de William em estudar por conta própria sobre um assunto que lhe despertava o interesse. Aproveitado o momento, conduziu-se um momento de reflexão em detrimento dos sonhos de cada aluno ali presente, deixando claro que as dificuldades não se tornam nada tendo em vista o interesse pessoal em alcançar algum objetivo.

CENA 02 - Chernobyl

I-PARTE INFORMATIVA DO FILME

TÍTULO: Chernobyl: O Filme – Os Segredos do Desastre
CONTEÚDO: Energia nuclear, riscos sociais
CLASSIFICAÇÃO: 12 anos

DIRETOR: Danila

Kozlovsky ANO: 2021

LOCAL: Norte da Ucrânia

SINOPSE: O filme conta sobre as consequências da explosão na usina nuclear de Chernobyl, quando centenas de pessoas sacrificaram suas vidas para limpar o local da catástrofe e para prevenir um desastre ainda maior que poderia ter tornado grande parte do continente europeu em uma zona inabitável. O improvável herói do filme é um bombeiro da usina.

Ao se pensar na energia nuclear, vem a mente algo muito forte. Uma energia de grande potencial. Não foi diferente quando foi feita essa pergunta aos alunos, antes de iniciar o conteúdo expositivo sobre essa forma de gerar energia. E de fato a energia nuclear foi e ainda continua sendo uma fonte muito promissora no quesito produção. O filme *Chernobyl* mostra a vida de uma família a qual reside próxima a usina nuclear de Chernobyl. O filho dessa família parte em uma visita noturna junto com seus amigos para a usina, afim de registrar fotos e conhecer um pouco mais sobre o local. Porém, o inesperado acontece. A usina explode e os meninos são os primeiros a sofrerem as consequências da radiação. Após horas se passarem, o corpo de bombeiros é acionado e o pai do garoto entra em ação para evitar futuras novas explosões dentro da usina, de forma que o filme percorrerá a trama de uma missão: evitar que haja contaminação do fluxo do rio a qual se beneficiavam as cidades próximas, e principalmente Pripjat, a cidade em que está situada a usina. As cenas das explosões e das futuras consequências são bem evidenciadas no filme, mostrando o caos que pode acontecer caso aconteça uma explosão de tal magnitude em usinas nucleares.

A intenção de passar essa cena para os meninos do 9º ano foi intrinsecamente de fazê-los pensar por si mesmo: qual a eficácia do uso dessa energia? Que problemas trazem consigo? Quais as consequências de um iminente desastre? Diante dessas indagações, os alunos após verem a cena, teriam de responder o formulário proposto.

A título de informação, foi notório ocochichar sobre a cena. Muitos dos alunos ficaram alarmados com as consequências da contaminação por radiação. Pássaros morrendo pelos ares, crianças, jovens e adultos morrendo aos poucos por intoxicação e câncer. Ficaria implícito e permeando a mente dos alunos naquela tarde sobre a energia nuclear: até que ponto vale o grande potencial de produção de energia nuclear para milhões de residências produzidas em pequenas instalações em contraste com o grande risco que correr uma cidade inteira que fica próxima a essa usina? Sobre isso, foi complementado um pouco sobre a presença de usinas nucleares no Brasil, que foram instaladas no complexo da cidade de Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Ao dar essa informação, alguns ficaram espantadas em existir tal fonte de energia no Brasil e de perigo ao mesmo tempo. O intuito era realmente esse, gerar um debate espontâneo nos alunos, uma conversa crítica acerca do que foi mostrado na cena. A cena proposta de Chernobyl foi exposta e teve a sua discussão realizada com êxito.

Cena 03 - Pompeia

Parte Informativa do

filme TÍTULO: Pompeia

CONTEÚDO: Cenário romano da cidade de Pompeia, 79 DC

CLASSIFICAÇÃO: 14 anos

DIRETOR: Paul W. S.

Anderson ANO: 2014

LOCAL: Sul da Itália

SINOPSE: Alguns dias antes da lendária erupção do monte Vesúvio, o escravo Milo (Kit Harrington) está preso dentro de um navio, em direção à Nápoles. Ele vai fazer de tudo para escapar e salvar a mulher que ama, além de ajudar o seu melhor amigo, um gladiador que está em dificuldades no interior do Coliseu.

Estudando as fontes de energias renováveis e não renováveis, os alunos tiveram a chance de conhecer mais a fundo a dinâmica de produção de energia e de que recursos naturais são extraídas. Na energia geotérmica, analisaram a grande poder de geração de energia através da temperatura terrestre. Foi mostrado como o grande poder térmico da terra pode gerar energia limpa, utilizando apenas o calor de áreas geralmente próximas a vulcões e/ou fontes termais. Foi evidenciado o grande uso e conseqüentemente a grande produtividade dessa energia na Islândia por exemplo, que de acordo com a revista Pesquisa Fapesp, a Islândia mantém sua produção com cerca de 95% da energia geotérmica, geralmente extraída de gêiseres.

Para essa obra, tentou-se destacar para os alunos o grande cenário vulcânico presente por toda a sequência do filme, que não foi possível a completa visualização dessa longa- metragem. Ao longo da cena, cria-se um suspense a respeito da erupção do vulcão Vesúvio, que já vinha mostrando indícios do que viria a ocorrer em breve. A cena mostrou segundos antes de sua erupção, evidenciando o derramamento de lava, o arremesso natural de bolas de fogo por toda a cidade de Pompeia, Itália no ano de 79 d.C. O ponto principal que os alunos deveriam estar atentos era para qual recurso natural o filme explicita ou implicitamente mostrava. Sobre o assunto que eles haviam estudado, uma possível instalação para uso e geração de energia, qual fonte, melhor se encaixaria naquelas condições? Esse era o intuito da atividade, fazer o aluno pensar criticamente por si só acerca do que acabara de visualizar.

CENA 04 – Peaky Blinders**INFORMAÇÕES DO FILME**

TÍTULO: Peaky Blinders

CONTEÚDO: Poluição urbana, revolução industrial, combustíveis fósseis

CLASSIFICAÇÃO: 18 anos

DIRETOR: Anthony Byrne

ANO: 2019

LOCAL: Reino Unido, Grã-Bretanha e Irlanda do Norte

SINOPSE: A história se passa na Grã-Bretanha em 1919 e acompanha a família Shelby, uma gangue cruel que prosperou após a Primeira Guerra Mundial, quando atividades do submundo, como o comércio ilegal de armas, esquema ilegal de aposta em corrida de cavalos, proteção e golpes de jogo se tornaram frequentes.

Tratando de uma realidade do século XX, a série Peaky Blinders da rede de streaming Netflix mostra o viver pós industrial da cidade de Birmingham, na Grã-Bretanha. Centrada na família Shelby, o desenrolar da história se dá por conquistas graduais e ao mesmo tempo sangrentas dessa linhagem, desde apostas de corridas de cavalo a venda e compra de materiais valiosos na época, como carvão mineral, algodão e borracha. Por se tratar de um seriado de alta classificação indicativa (18 anos), foi passado para os alunos duas cenas curtas de aproximadamente 30 segundos cada, evidenciando a poluição por combustíveis fósseis de chaminés das grandes indústrias presentes no centro da cidade de Birmingham.

Após a exibição dessa cena, quase que toda a turma estava muito confusa por não entender a curta exibição. Muitos criticaram a cena por ser curta demais, que não conseguiam identificar absolutamente nada em relação a energia ou a fonte de energias. Como já era esperado, sugeri repetir a cena mais algumas vezes. Após a segunda repetição, já se ouvia alguns cochichos sobre a possível assimilação do que se tratara a cena. Repeti mais uma vez e após outras vezes, a turma conseguiu identificar o tema proposto.

CENA 05: A onda**PARTE INFORMATIVA DO FILME**

TÍTULO: A onda

CONTEÚDO: Desastre natural, terremoto, tsunami, maremotriz, hidrelétrica

CLASSIFICAÇÃO: 14

DIRETOR: Roar

Uthaug

ANO: 2015

LOCAL: Noruega

SINOPSE: Localizado na Noruega, o fiorde de Geiranger é um dos pontos turísticos mais espetaculares da região, mas também é um local propício para cataclismas. Após anos no centro de alerta do local, o geólogo Kristian (Kristoffer Joner) sente que alguma coisa não está normal. Os substratos estão mudando. Em plena alta temporada turística, uma onda gigante atinge o local, colocando a montanha abaixo e dando apenas dez minutos para que as pessoas consigam chegar a um

O filme *A onda* mostra a vida de uma família na Noruega, na qual o pai é geólogo e

monitora a região que estão inseridos, através de programas sofisticados de computadores. O filme apresenta em todo o seu percurso um preparo para mudança da família, que são surpreendidos ao longo desse percurso por um grande tsunami que invade o rio que desaguava no mar e assola a comunidade interiorana a qual moravam. A cena em questão que foi repassada aos alunos foi a do momento exato que a onda vem se formando e se dirigindo para aquela comunidade de moradores. O que foi planejado para essa cena tendo em vista a escolha de uma forma de gerar energia ou essa mesma energia explícita no filme, foi a Maremotriz. Energia que se utiliza do movimento das ondas e das marés para movimentar uma turbina, que gera energia elétrica a partir dessas rotações. A grande ideia que foi proposta aos alunos era justamente analisar com cuidado que a onda se originava no mar, o que caracterizava uma força para a geração de energia elétrica. Porém, a cena dividiu a turma, que por um lado concluíram ser uma cena que se tratava de energia maremotriz e por outro lado, cena que geraria a energia hidroelétrica.

Os alunos indagaram bastante acerca do que viria a ser aquela cena, se ela se referia a maremotriz ou hidrelétrica. Porém, com calma foi revertida a situação e repetida a cena mais duas vezes e foi pedido que mantivessem a atenção na localização do exercício da cena. Estavam perto de onde? *Do mar*, alguns responderam. Então pediu-se que eles imaginassem uma possível instalação das duas formas de geração de energia ali. Com essa indagação proposta, muitos dos que afirmavam ser hidrelétrica, mudaram de opinião com boas justificativas. Aos poucos foi-se encontrando uma única resposta da turma, por mais que nos resultados finais do formulário tenha ocorrido respostas de energia hidroelétrica, algo aceitável, pois a cena dentre todas as 5, era a que mais remetia atenção e pensamento crítico. A cena causou muita discussão na turma, e a ideia de gerar esse diálogo mútuo foi concluído com sucesso. Os alunos ao entenderem do que se tratava a cena, imediatamente se propunham a explicar para os colegas. Foi importante visualizar a participação, o foco e a vontade de interagir advinda deles. Essa cena não teve intuito de evidenciar problemas ambientais, visto que o problema exibido era de ordem natural. O foco foi ver como os alunos diferenciariam as semelhanças ali presentes, utilizando da memória e do conhecimento acumulado que detinham.

5 – RESULTADOS DO CINEGEOGRAFIA

A atividade *Cinegeografia* se dividiu em três perguntas basilares, as quais foram anteriormente discutidas. A seguir será analisado as respostas de cada. Para melhor compreensão dos resultados obtidos, será abordado respectivamente as 3 perguntas em análise

paralela às cenas.

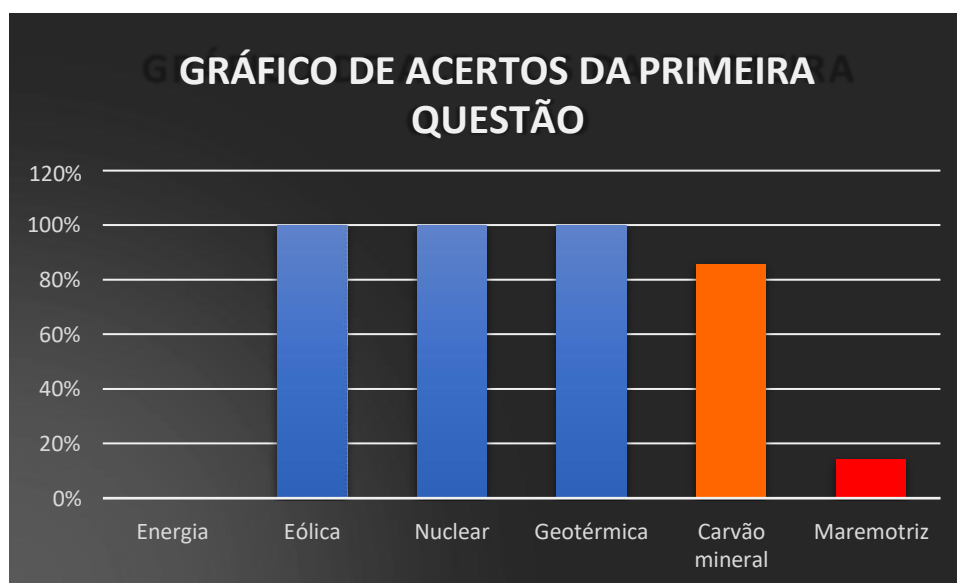
1ª Pergunta: *Que energia ou fonte de energia é mostrada?*

Essa indagação pode ser ter sido considerada a mais simples de todas as três, por buscar saber do aluno somente a energia ou fonte de energia exemplificada na cena. De todas as 5 cenas, os alunos obtiveram 100% de acertos nas três primeiras cenas (Eólica, nuclear e geotérmica). Claramente dá para notar que essas cenas ficaram bem esclarecidas.

Durante a exibição dessas três primeiras cenas, pouquíssimos alunos pediram para que repetissem-nas. Esse fato foi muito positivo ao conseguir mostrar a rápida e precisa associação que os alunos mantiveram da cena em relação aos assuntos teóricos vistos em sala de aula. Porém, nas últimas duas exibições o quadro piorou, havendo um grande salto negativo em função da nomeação correta da energia ou fonte de energia exibida, que foi o caso da energia a carvão mineral e a maremotriz.

O gráfico I a seguir resume bem a primeira questão aplicada a todas as cenas, tendo na horizontal as formas de energias corretas em relação as cenas e na vertical a porcentagem de acertos para cada uma dessas energias.

Gráfico I – Acertos sobre a primeira questão



Fonte: Elaboração do Autor (2022)

2ª Pergunta: *É renovável ou não renovável?*

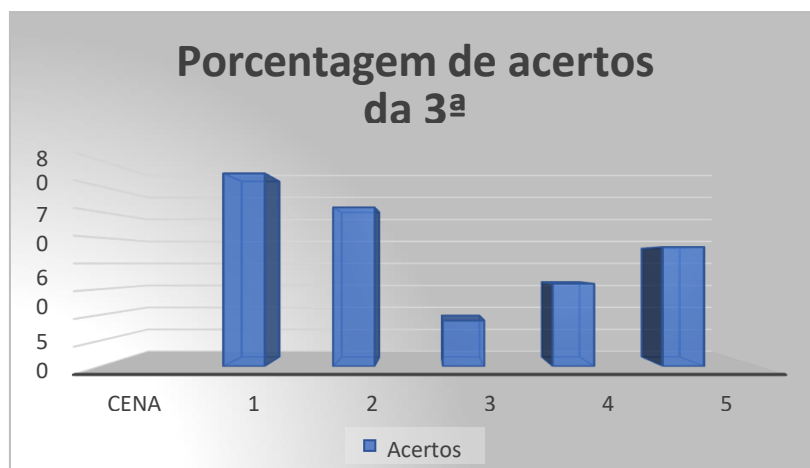
Dando continuidade no questionário, a questão 2 traz consigo um questionamento acerca da capacidade de renovação daquelas fontes de energias. Como fora explicado anterior a aula do *Cinegeografia*, as fontes que geram energia no mundo se subdividem em dois grandes grupos: renováveis e não renováveis. As renováveis dizem respeito aquelas fontes de energias ilimitadas, que de acordo com o uso humano atual não se esgotaria. É o caso da energia solar, eólica, maremotriz, hídrica e geotérmica. As não renováveis são as energias que como o próprio nome já diz, remete a esgotar com certo uso. Foi mostrado que os combustíveis fósseis (carvão mineral, gás natural e petróleo) são os principais nesse quesito, bem como a nuclear e a biomassa. A energia geotérmica entrou em questão dicotômica por existir formações em que essa capacidade pode se extinguir, como é o caso de câmaras de gás de pequeno porte e por também existir locais de grande capacidade que não se esgota. Então foi explicado que ela é uma fonte de energia renovável, mas que pode, dependendo da ocasião, ser limitada em virtude do pequeno espaço natural produtor.

Em suma, todos acertaram em classificar quanto renovável ou não renovável a todas as cenas em função da fonte de energia, não aparecendo um erro sequer. De maneira efetiva, todas fontes de energias foram corretamente caracterizadas. Ficou claro que os alunos estavam mais do que preparados para essa questão. Isso me surpreendeu, pois durante as aulas houve muitas dúvidas sobre esse ponto, onde diversos alunos relataram estarem confusos com essas duas classificações.

3ª Pergunta: *Explique a partir de que matéria prima (recurso natural) é feita e qual o processo de produção dessa energia.*

Na última pergunta se apresenta um problema mais contextualizado, por querer saber a origem da energia e como a ela é produzida. Grande parte dos alunos mostraram dificuldades em elaborar essa resposta. Foram estudadas todas as fontes de energias, desde as energias renováveis até aos combustíveis fósseis; também foram analisados através de imagens esquemáticas o passo a passo das usinas em gerar as energias, desde a extração, aprimoramento, refinamento até o uso direto (combustíveis fósseis). A seguir, obedecendo a ordem das cenas e das perguntas, será mostrado através de um gráfico II de colunas a porcentagem de acertos para a 3ª pergunta.

Gráfico II – Porcentagem de acertos da terceira pergunta



Fonte: Elaboração do Autor (2022)

A primeira cena tratava da energia eólica, que através da força dos ventos rotaciona as hélices do gerador eólico que ligado a um eixo que por sua vez se liga a um gerador, proporcionando energia elétrica. Diante do gráfico, fica notório que a maioria dos alunos não encontraram dificuldades em escrever o processo de maneira detalhada. Cerca de 21 alunos, que corresponde a 75% responderam de maneira adequada.

A **Cena 2** tratava da produção de energia nuclear. Da mesma maneira requeria-se do aluno que ele respondesse a partir de qual matéria prima faziam uso e a descrição básica do processo. O Gráfico 2 mostra que houve 61,8 % de acertos, que gera num total de 17 alunos. Algo que foi muito pertinente nessa segunda cena foi a omissão de parte da resposta, de modo que a maioria dos erros aconteceu em detrimento da falta de atenção, algo que foi muito orientado antes da execução da atividade.

Partindo para a **Cena 3**, tem-se o quadro de acertos mais negativo levando em consideração as outras cenas. De 28 alunos apenas 5 acertaram a respostas por completo, gerado uma porcentagem muito baixa de 17,8%. A **Cena 3** mostrava a cidade de pompeia sendo acometida por uma erupção do vulcão Vesúvio. Ansiava-se que os alunos associassem o vulcão e os gêiseres ali próximos com a energia geotérmica, descrevendo assim um esquema básico de sua produção. Muitos responderam apenas “Aquecimento da terra”, que não corresponde a resposta da 3ª pergunta.

A quarta cena remetia ao seriado *Peaky Blinders*, que mostrava a queima do carvão mineral nas grandes indústrias de Birmingham. Cerca de 32,1% dos alunos acertaram a energia mostrada e souberam responder com clareza. Algo que acarretou na resposta incorreta de muitos foi colocar que o carvão mineral era apenas aquecido para gerar energia. A resposta remetia a queima direta e não apenas o aquecimento.

Por último, a **Cena 5** tratar da cena *A onda*, muitos alunos confundiram a energia gerada pelas marés com a energia hidrelétrica. Repeti a cena algumas vezes, orientei para que eles se atentassem ao local em que se situava a cena (próxima ao mar). De um total de 28 alunos apenas 13 acertaram. Isso gera uma porcentagem de 46,4% de acertos. Por mais que muitos tenham errado a classificação esperada para essa cena, eu compreendi a semelhança entre ambas as energias em função da cena, tendo por fim considerado ambas as respostas.

Desse modo, diante de todos esses resultados fica claro que a atividade foi bem executada. Os alunos mantiveram um alto grau de concentração durante toda a execução do exercício, tirando dúvidas e compartilhando conhecimento entre si. A respeito das questões, considera-se o rendimento da maioria satisfatório. Muitos acertaram todas, alguns quase todas e pouquíssimos erraram duas ou mais questões. A atividade no final contou com formulário de satisfação, que contabilizou a resposta de aproximadamente 95% de satisfação total com a atividade. Muitos comentários tais como “A atividade mostra algo distante que não teríamos chances de ver”, “A atividade foi bem executada porque nos proporcionou ver o mundo e associar com os estudos” serviram de consolidação de uma atividade inovadora que marcou de alguma maneira o ano letivo dos alunos do 9º ano do Complexo Escolar Setor C1.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto docentes, todos nós, professores, devemos repensar novas metodologias a todo tempo. Elencar todo um roteiro de aula, explanar o conteúdo programático, aplicar atividades e dialogar com os alunos são ações corriqueiras para a função do docente, que por vezes se torna algo maçante e contínuo. Devemos propor a cada dia, a cada aula e a cada momento maneiras de exposição teóricas mais significativas para os alunos.

Ao aplicar cenas de filmes para uma turma de alunos cria-se uma atmosfera diferente. Os alunos ficam eufóricos, ansiosos para visualizar algo diferente que se apresentará naquela aula. Melhor do que somente pôr um filme, é instruí-los teoricamente de um assunto da matriz curricular que culminará em pontos semelhantes presentes no filme. Afinal de contas, a sala de aula tem por objetivo recriar um conhecimento crítico constutivista, em que o professor atua como mediador desse conhecimento compartilhado.

As obras cinematográficas carregam consigo um excelente resultado correlacionadas a um assunto de Geografia. É através dessa inserção de filmagens na sala de aula que os alunos podem ter acesso visual a um continente outrora conhecido apenas pelos livros, visualizar formas de viver de um país tão distante e enxergar de maneira “literal”, ali perante os olhos, para algo que antes era distante, abstrato. Nesse ponto, o principal foco foi

encontrar as geograficidades presente em obras cinematográficas. Na aplicabilidade das cenas no ensino de Geografia, obteve-se sucesso quanto ao nível de interação proposto para a turma. Os alunos se mostraram interessados desde o início da atividade, exibindo desenvoltura no decorrer na análise e da prática de resoluções dos questionários.

Algo positivo de se ver foi as respostas da última questão do questionário de satisfação preenchidos pelos alunos, em função da opinião pessoal deles acerca da atividade desenvolvida, tendo muitas respostas básicas como “muito bom”, “foi legal”, “ajudou bastante” dentre outras, sendo algumas mais detalhadas, como por exemplo: “ela nos ajudou a ver coisas que não podem ser mostradas no quadro”, “ela me deu outra visão sobre o conteúdo”, “facilitou o conhecimento do assunto” e “a maneira utilizada facilitou bastante o entendimento. Foi reconfortante visualizar esses últimos feedbacks a respeito da efetiva aplicabilidade das cenas de filmes na aula de geografia. Ela mostrou ser uma atividade extremamente diferente e que atrai a atenção do aluno a ver o conteúdo “abstrato” de forma mais concreta, mais aplicada a realidade. Isso tornou as aulas de Geografia mais fluidas, com maior participação e leveza. As horas passavam rapidamente.

Assim, percebeu-se que não existe uma fórmula básica para aplicar uma metodologia eficaz para os alunos, existe o planejamento do professor acerca do que ele pretende passar para a turma. Sobre a aplicação das cenas de filmes, conseguiu-se atingir a meta pré-estabelecida sobre os objetivos, no que tange ao almejo de que as interações entre os alunos aumentassem, que o interesse pela geografia fosse despertado e mais do que isso, que ficassem gravados na mente de cada um o que foi trabalhado ao longo daqueles meses. Foi possível estabelecer uma relação mais afetiva entre professor e aluno. A experiência foi única e mais do que satisfatória.

Desse modo, finaliza-se esse artigo com um último comentário de um aluno, que com suas poucas palavras conseguiu gerar um misto de esperança para se trabalhar ainda mais com metodologias diferentes e de sensação de trabalho bem feito. O mesmo expôs sua experiência sobre a atividade da seguinte maneira: “É muito bom a maneira de ensinamento... dá até vontade de estudar.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Processo nº 23001.000043/2004-12. Aprovado em 08 de março de 2004.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987. Tradução Raquel Ramallete.

- GOMPERTZ, Will. Pense com um artista. **ZAHAR**. Edição Brasileira, Rio de Janeiro, 2015.
- HUR, Domenico Uhng (2013). Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção. *Athenea Digital*, 13(2), 179-190. Disponível em <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Hur>.
- NETO, Francisco; BARBOSA, Maria. O Ensino de Geografia na Educação Básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na geografia escolar. **GEOSABERES**. Ceará, 2010.
- OLIVEIRA, Rosane Machado de. JOÃO, Maria Thereza David. **O cinema no ensino de história e a influência da indústria cultural cinematográfica**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 07, Vol. 06, pp. 132-151. Julho de 2019. ISSN: 2448-0959.
- PASCHOARELLI, L.; MEDOLA, F.; BONFIM, G. Características Qualitativas, Quantitativas e Qualitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso da subárea do Design Ergonômico. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**, 2(1), 2015.
- PINHO, Ana.; SOUZA, Elizeu. O tempo escolar e o encontro com o outro: do ritmo padrão às simultaneidades. **Educação e pesquisa**, v. 41, n. 3, 252 p. São Paulo, 2015.
- PIRES, Maria; SILVA, Sergio. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 607-616, abr.-jun. 2014.
- SATO, Elizabeth Cristina Macceo; FORNEL, Silvia Renata. Conhecimento do espaço escolar. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra Terezinha. (Orgs.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007..
- VELLOSO, Ricardo. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008
- VOTTO, Rossandra; RODRIGUES, Elisângela. O CINEMA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PROPOSTA DE ROTEIRO PARA TRABALHO EM AULA. **Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia**, v. 8, n. 15, p. 206-224, jul./dez. 2017. ISSN 2179-4510.
- WINGERT, V. D.; MARTINS, J. F. Cinema: Entretenimento, Indústria e Importante Fonte para a História. **Revista Gestão Universitária**. 2017.